X Ciclo de Estudos da Linguagem
III Congresso Internacional de Estudos da Linguagem:
DESCOLONIALIDADE e DESOBEDIÊNCIA nos ESTUDOS DA LINGUAGEM
29, 30 e 31 de Julho de 2019

FIGURAÇÕES UTÓPICAS E DISTÓPICAS NA LITERATURA

Prof. Dr. Evanir Pavloski (UEPG)[1]

Resumo: Enquanto movimento de reflexão sobre os destinos individuais e coletivos da humanidade, o utopismo marcou indelevelmente o processo histórico muito antes que a própria noção de consciência histórica pudesse se libertar das correntes prometeicas do misticismo. Primeiramente alimentadas pelo desejo de representação do real e fortalecidas pela busca por caracterizar um "princípio" e de um "além" para esse sistema simbólico ainda embrionário, as utopias se enredaram nos limites dos mitos e das religiões, criando espaços redentores e sublimados que, ao mesmo tempo, incitavam e apaziguavam a percepção mundana da própria efemeridade. Paulatinamente, as figurações utópicas de ordem eterna passaram a dividir espaço com idealizações de cunho filosófico e sociológico que desviavam seus olhares de paraísos metafísicos e vislumbravam possibilidades de compreensão, problematização e renovação das comunidades históricas. Com isso, o utopismo assumiu materialidade no imaginário coletivo, menos como expectativa de ascese do que como parâmetro de contraste de um *ethos* idealizado com o imperfeito tempo presente, o qual se revelava passível de ser transformado pela própria ação humana. Em sua formalização literária, a utopia de Thomas More, publicada em 1516, inaugurou um gênero caracterizado essencialmente pelo espelhamento direto entre o real e o (supostamente) ideal. Tais produções não descreviam necessariamente um projeto social a ser pensado, mas a virtual necessidade de se pensar em novos projetos sociais. Desde o século XVI, a quantidade de produções literárias com tal característica se multiplicou vertiginosamente, fomentando movimentos dialéticos que, sincronica ou diacronicamente, iluminavam os diferentes prismas do pensamento sociológico e da estética literária. Nessa dinâmica de respostas e contrarrespostas, ressaltamos o surgimento, entre o final do século XIX e o início do século XX, de um novo gênero de produções textuais que, apesar de utilizar elementos do

[1] Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Professor adjunto do Departamento em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: evanir.pv@gmail.com

arquétipo tradicional das utopias, contestava violentamente as tendências arbitrárias, universalistas e homogeneizadoras de tais obras. As chamadas distopias relativizaram o caráter idílico das figurações utópicas e a problematizaram a essência totalitária neles perceptível. O reflexo mimético da literatura distópica desnudava um suposto pesadelo travestido de utopia, esforço ainda claramente percebido na contemporaneidade. Diante desses apontamentos, o presente simpósio propõe congregar pesquisadores e pesquisadoras cujas análises contemplem figurações utópicas e distópicas na literatura, sem quaisquer restrições aos momentos históricos de suas respectivas escrituras ou às matrizes socioculturais nas quais foram produzidas. Os trabalhos apresentados poderão ter como objeto de estudo obras dos gêneros utópico e distópico, assim como textos de outras vertentes literárias que tenham o utopismo como um de seus elementos marcantes. Não obstante, o debate sobre a idealização social ou seus contradiscursos deve constituir o foco central das comunicações a serem proferidas neste simpósio.

Palavras-chave: Figurações utópicas; Utopia; Distopia; Literatura; Sociedade.